

Cibersacro: novas relações entre os jovens católicos e a cibercultura

RESUMO

O ciberespaço visto como um ambiente comunicacional, estimula o desenvolvimento dos meios de trocas simbólicas e forma uma cultura específica: a cibercultura, que inter-relaciona informação, comunicação e tecnologia. Esta influencia a sociedade contemporânea, fomentando novas relações de espaço e mundo. Nestes relacionamentos, os jovens católicos interagem com o ciberespaço em busca do cibersacro, ou seja, expressões do sagrado no mundo virtual. Este artigo propõe uma reflexão sobre como a ambiência digital é passível de ser um meio midiático propício para a evangelização e formação dos jovens.

Palavras-chave: ciberespaço, cibercultura, cibersacro.

INTRODUÇÃO

O ciberespaço é um mundo virtual cheio de possibilidades de comunicação, independentemente de etnias, classes sociais, regiões geográficas, e outros pontos que comumente poderiam servir de dificuldade para a interação entre as pessoas.

Diante dele, poderemos tomar diversas posições: ou esquivar-se e assim permitir que continue crescendo sem nossa presença, ou aprofundar-se, estudando e esmiuçando suas vertentes mais díspares possíveis.

Em nosso estudo tentaremos aprofundar uma das vertentes que engloba a esfera digital do ciberespaço: o sagrado. Talvez desconhecida para alguns, ou então rejeitada por outros, o fato é que há expressão do sagrado no ambiente virtual e isto é notório e passível de ser descoberto na gama de *sites*, comunidades virtuais, símbolos e imagens, encontrados neste espaço.

Nosso objetivo não é elencar essa quantidade iconográfica do sagrado neste meio, pois isso seria demasiadamente trabalhoso e quiçá impossível, em virtude do múltiplo crescimento do mesmo. O desejo é somente percorrer as esferas deste mundo virtual e analisar a busca dos jovens pelo que denominamos cibersacro, e a partir daí servir de estímulo para que o meio digital seja utilizado veementemente para uma evangelização e formação dos mesmos.

TEMPOS DE CIBERCULTURA

Atualmente é comum escutar a expressão mundo virtual quando se refere às nuances da Internet. A globalização das informações e sua ampla difusão pelos meios de comunicação social demonstram essa realidade já tão presente no cotidiano da vida das pessoas. Sabe-se que neste mundo as mais diferentes formas de informação transitam e multiplicam-se, proporcionando aos participantes da nossa sociedade se relacionar através de meios eletrônicos.

Este presente estudo se desenvolve sobre as atividades desta ambiência, onde diversos jovens estão buscando uma comunicação sacra, através da criação e assiduidade a espaços sacros virtuais. A crescente procura dos mesmos torna-se um campo de descobertas de suas necessidades ao manterem o acesso a esta fonte.

Diante da pluralidade e ecléticas opções oferecidas neste espaço, faz-se necessário entender os motivos da busca da juventude por um ambiente sacro. O que os jovens religiosos, especialmente os católicos, mais utilizam em um site voltado especificamente para esse público? Sabe-se que há um crescimento exponencial de sites religiosos, e isso é reflexo de um acesso de pessoas, possuindo diversas causas. Então, mais alguns questionamentos surgem. Quais os interesses dos jovens usuários que buscam o sacro no espaço virtual? O que especificamente desejam? Quais fatores os levam a “navegar” em um site que expressa uma doutrina católica? São fidedignos a sites católicos ou procuram outros sites, mesmo estes não sendo confessionais?

Pois bem, perguntas como estas serviram de motivação para analisar esse contexto. É uma forma de propor reflexões sobre as razões pela quais ocorre uma busca de jovens pelo sagrado no mundo virtual.

Para realizar este caminho, o primeiro passo é fundamentar-se conceitualmente nesta ambiência. Este mundo virtual possui nome, e vários teóricos da comunicação abordam-no constantemente: ciberespaço. Pouco a pouco, através de um computador, celular, palm-top, ou algum outro aparelho mediador, é possível adentrar-se neste espaço. Por isso, será abordado agora como este ambiente tornou-se realmente global.

1.1 Ciberespaço: uma neoambiência universal

O termo em português ciberespaço foi adaptado do inglês *cyberspace*, neologismo de William Gibson exposto no romance de ficção científica *Neuromancer*, em 1984, e definido

como uma alucinação consensual, que pode ser experimentada através de *softwares* especiais, realizada diariamente por milhões de operadores no mundo inteiro, um espaço criado pelas comunicações mediadas por instrumentos eletrônicos, em atual expansão principalmente pelo desenvolvimento das redes telemáticas.¹

A partir dessa definição inicial, vemos a crescente utilização do prefixo “ciber”, ou mesmo em inglês *cyber*, onde unido a outros signos começou a ocupar as mais variadas representações humanas: acoplado à cultura gerou o termo *cibercultura*, desembocando logo mais em *ciberdemocracia* e chegando a áreas bem distintas, como: *ciberfilosofia*, *ciberamizade*, *cibercidades*, *cibermedicina*, entre outras.

Estes neologismos tão presentes no meio social e principalmente cibernético implicam no movimento de criação de signos com possibilidades novas de expressão, partindo de uma suposta virtualidade e alcançando uma forma simbólica de sua representação real. Por exemplo, uma *ciberamizade* possui características diferentes de uma amizade fora do ciberespaço, pois sua forma de experimentação é mediada em um ambiente com características peculiares próprias.

O ciberespaço propõe uma relação bidirecional homem-tecnologia, estimulado pela sociedade de consumo que promove a expansão das inovações tecnológicas, em busca de uma facilidade advinda desses suportes tecnológicos para o meio social, como expressa Pedro Nunes:

Os aparatos tecnológicos, a partir do manejo crítico de códigos pré-existentes, podem apontar para horizontes revolucionários, como também, num sentido oposto, integrarem-se ao panorama mágico da sociedade de consumo com seus múltiplos jogos e estratégias numéricas de sedução.²

Trabalhando ainda a parte conceitual, observa-se a definição de José Carlos Ribeiro, afirmando ser o ciberespaço “um novo ambiente de convivências, no qual relações sociais com características peculiares estão sendo construídas”.³ Vemos então que o binômio homem-tecnologia expande-se para a relação dual entre o homem e seu novo espaço.

Ainda abordando conceitos sobre ciberespaço, vejamos uma definição exposta pelo filósofo Pierre Lévy, ao qual diz:

¹ José da Silva AFONSO, *Do hipertexto ao algo mais: usos e abusos do conceito de hipermídia pelo jornalismo online*. In: LEMOS, André; PALACIOS, Marcos. *Janelas do Ciberespaço*, p. 128.

² Pedro NUNES, *As relações estéticas no cinema eletrônico*, p. 48.

³ José Carlos RIBEIRO, *Um breve olhar sobre a sociabilidade no ciberespaço*. In: LEMOS, André; PALACIOS, Marcos. *Janelas do Ciberespaço*, p. 140.

Eu defino o ciberespaço como o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial de computadores e das memórias dos computadores. Essa definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos (aí incluídos os conjuntos de redes hertzianas e telefônicas clássicas), na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização.⁴

Essa comunicação proporcionada no ciberespaço constitui a essência de uma vida influenciada pelo meio digital, tão ressaltada por Nicholas Negroponte. Para este, o avanço das tecnologias contemporâneas dão a possibilidade da passagem do átomo para o *bits*, fazendo assim o tempo hodierno uma era da pós-informação. A era industrial foi a dos átomos, já a era da informação foi marcada pela presença dos meios de produção simbólica. Vivenciamos agora a era da digitalização, da pós-informação. O conteúdo ao ser codificado em *bits*, ou seja, o *dna* da informação, ganha uma nova aparência, um novo jeito de ser para o processo informacional.⁵

Pode-se então afirmar ser o ciberespaço uma revolução na história da humanidade, visto as possibilidades ocasionadas pela popularização e massificação do seu componente mais famoso: a Internet. Constatamos isso através das palavras de André Lemos:

(...) A Internet cria, hoje, uma revolução sem precedentes na história da humanidade. Pela primeira vez o homem pode trocar informações, sob as mais diversas formas, de maneira instantânea e planetária. A idéia de aldeia global (embora seja mais exato falarmos no plural) está se tornando uma realidade.⁶

Através da rede mundial de computadores, a globalização faz-se presente na vida de quem acessa essa nova plataforma midiática. O ciberespaço representa assim uma neoambiência universal.

Ao conectar-se ao ciberespaço, o usuário faz do computador ou outro instrumento de acesso, uma simples porta de entrada para o universal. É porta para um cosmos virtual, tornando-se eximamente sedutor por suas múltiplas faces e encadeamentos de informações. Não é mais o instrumento técnico em si, é um nó de conexão multimodal, uma entrada remota em um universal, sendo este repleto de informações, somente possível pelo processo de virtualização, uma importantíssima característica do meio cibernético. Por isso, falaremos agora um pouco mais sobre ela.

⁴ Pierre LÉVY, *Cibercultura*, p. 92.

⁵ Nicholas NEGROPONTE, *Vida Digital*, p. 157.

⁶ André LEMOS, *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*, p. 116.

1.2 Emergência de uma cibercultura

Analisando historiograficamente, vê-se que antes da delimitação do termo do ciberespaço, a cibercultura teve seu início na década de 50 com os passos da informática e da cibernética, ganhando novo impulso na década de 70 com os microcomputadores e com a massificação da informática nos anos 80, solidificando-se com as redes telemáticas na década de 90 e com o advento da Internet.⁷

Com a globalização da cultura, vantagem trazida pela desterritorialização causada pelo ciberespaço, as pessoas se associaram a uma cultura universal, constituindo a cibercultura. Conforme Lévy, é um “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”⁸

Quem não gostaria, por exemplo, de estudar em um curso com os melhores professores da cada área específica? Mas, e se estes estivessem espalhados pelos diversos países afora, distantes territorialmente? Hoje é possível reuni-los, virtualmente, em um mesmo espaço, sendo essas propostas de cursos *on-line* altamente crescente em nosso meio.

O que se vê é bem mais que uma tecnocultura, ou seja, uma presença da tecnologia na cultura contemporânea. Na verdade, esta tem sido condicionadora e condicionada pelas tecnologias de informação. Há um entrelaçamento da vida das pessoas com o mundo virtual. É uma neocultura. Então, nos norteia Lévy: Quanto ao neologismo “cibercultura”, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço⁹

Ultrapassando limites, e não somente os de distância territorial, a cibercultura promove entre as inúmeras e variadas pessoas uma troca de conhecimento inimaginável. Independente de limitações étnicas, formação, educação pessoal e conteúdo intelectual, a ciberuniversalidade proposta implica numa grande gama de sociabilidade. Estas possibilidades de comunicação transpõem os impasses de classes sociais, etnias, regiões geográficas, e outros pontos que comumente poderiam servir de dificuldade para a interação entre as pessoas. Conseqüentemente, cada vez mais surgem adeptos, e os jovens são aqueles de maior número, agregando-se em

⁷ Id., p. 101.

⁸ Pierre LÉVY, *Cibercultura*, p. 17.

⁹ *Ibid*, p. 17.

verdadeiros nichos de encontro no espaço cibernético. É justamente aí que o sagrado pode servir de referência a uma possibilidade nova de interação também com o divino, mesmo que mediado por uma interface tecnológica. Nestas relações sociais ciberespaciais, eles podem experimentar novas expressões de religiosidade.

CIBERSACRO: O SAGRADO NO CIBERESPAÇO

É cada vez mais crescente a busca dos jovens pelo ciberespaço na contemporaneidade. Eles são seus maiores promotores e difusores, pois estão totalmente interagindo com a comunicação midiática e as redes telemáticas. No cotidiano, observa-se que os usuários mais freqüentes dos aparatos tecnológicos são justamente eles, e isto cada vez mais cedo, sendo comum as crianças crescerem com as inovações eletrônicas, agregadas à realidade do dia-a-dia, tornando-se assim parte de seu processo de desenvolvimento.

Este é um panorama da cultura na pós-modernidade, e além do jovem ser seu principal protagonista, torna-se também o cerne de suas influências, como visto pela CNBB:

Nas últimas décadas, ao lado da cultura moderna vem-se fortalecendo a cultura pós-moderna. A pós-modernidade não é uma nova cultura que se contrapõe de modo frontal a modernidade. Constatam-se mudanças no cenário, grande velocidade e volume da informação, rapidez na mudança do cotidiano por parte da tecnologia, novos códigos e comportamentos. Devido à globalização e ao poder de comunicação dos meios eletrônicos, essas mudanças vêm penetrando fortemente no meio juvenil.¹⁰

Estas mudanças não são contrárias às forças juvenis. Os jovens possuem uma necessidade inata do “novo” e de realizar descobertas. Imergir em um ambiente totalmente diferente do seu pode ser para muitos um desafio enormemente alto, mas para os jovens, em seu âmago, há a vontade de ser “descobridor de sete mares”. Como o sistema do ciberespaço proporciona sempre uma possibilidade de ir adiante, a partir dos múltiplos caminhos da comunicação que entrelaçados são dispostos de forma a parecer não ter mais fim, os jovens tendem a fazerem-se mais ao largo, adentrarem-se e assim satisfazerem seus desejos de descobertas.

¹⁰ CNBB, *Evangelização da juventude: desafios e perspectivas pastorais*, p. 16.

Além desta forma tão característica do estado de vida juvenil, constata-se que a interação para com o ciberespaço se dá também pela forma como este é apresentado. Aqui não nos referimos somente a *interface*, na qual, através de novos *layouts* torna-se encantadora para a exploração. Colocamos em questão a estrutura interna de como um signo é apresentado nesta ambiência.

Ao decorrer da história da comunicação percebe-se a vigência de três sistemas de signos: o texto escrito, o som e a imagem. Cada elemento desses foi um nascedouro para todo um sistema tecnológico. O texto deu origem à edição, a imprensa, o livro, o jornal, a tipografia, a máquina de escrever, etc; o som foi o causador do rádio, gravador, telefone, disco e CD; a imagem tornou-se caminho para a pintura, a gravura, os quadrinhos, o cinema, a televisão, o vídeo, o DVD, etc.

A revolução proporcionada pelo ciberespaço consiste em mesclar os sistemas de signos para um único sistema. O texto, o som e a imagem agora são codificados em *bits* no sistema digital. O mesmo sistema, ou seja, o mesmo veículo de comunicação permite transportar este trinômio com as vantagens oferecidas por esse meio.¹¹

Neste novo cenário midiático, o cibernauta passa a ser ao mesmo tempo, na multiplataforma do ciberespaço: leitor/ouvinte/espectador. Deixa de assumir somente um destes papéis e ao entrar em contato com o espaço virtual assume-os todos de uma só vez.

Isto muda profundamente a interação dos jovens com o ciberespaço, pois ele torna-se um cibernauta que navega na rede de forma multimodal. Esta forma bilateral de relacionamento torna a ambiência virtual amigável, contudo, há perigos que devem ser analisados, conseqüências a serem observadas.

Nesta sociedade pós-moderna, na qual há uma intensa troca simbólica, refletindo um tempo de cibercultura, Roberto Elísio alerta sobre o niilismo:

Com o aumento da quantidade de informações e a rapidez com que surgem e desaparecem nas mídias, não há mais temas relevantes e as ideologias aparentemente ficaram obsoletas e perderam o sentido: os discursos repetem o que já foi dito e ouvido. O vazio e a redundância tomam conta das manifestações artísticas e intelectuais. Cria-se uma expectativa cínica e pessimista, que se evidencia na supremacia da forma sobre o conteúdo (o esteticismo) e vigora na arte pós-moderna. Não se espera mais nenhuma criação original, pois já se esgotaram todas as possibilidades teóricas, estéticas e

¹¹ Pierre LÉVY, *Cibercultura*, p. 50.

ideológicas.¹²

Entramos na questão massificação das informações na vida cotidiana. O ciberespaço permite a coletividade do conhecimento, no entanto, pela quantidade de saberes disseminados, sem controle ou acompanhamento, as inovações ficam-se como quesito à parte, restando a simples repetição de idéias ou agregação de “achismos” em um lugar único. Cabe-nos questionar: a que ponto o mundo virtual contribui para o processo intelectual do jovem?

A busca frenética pelo saber somada às facilidades do meio hipermediático pode resultar numa geração imediatista, em que cada um obtém o desejado ao entrar na porta de acesso ao ciberespaço, sem refinar ou realizar uma triagem do encontrado. A velocidade, aliada a uma circunscrição sem totalizantes, pode ocasionar numa perda de rumos e mais ainda, num relativismo de opiniões, à medida que o mais importante é divulgar o seu conhecimento independente da qualidade ou substância de seu conteúdo.

Neste caso, ao perder de vista a originalidade, nossos jovens podem cair no pastiche. Ao falar sobre este, recorreremos novamente a Roberto Elísio:

Se não há originalidade, a cultura pós-moderna busca retrabalhar velhos temas, dar nova roupagem a antigos produtos (é o caso de remakes de filmes de décadas anteriores, da transposição de séries de tevê para o cinema ou de histórias em quadrinhos para a tevê). Dessa forma, prevalecem a mistura de estilos (pastiche) e a citação (os filmes do cineasta norte-americano Brian De Palma citam obras de Hitchcock, Antonioni e Eisenstein) como única forma de obter reconhecimento artístico. A nostalgia (olhar saudosista, que revela um passado ideal, já que o presente é ruim) é outra fórmula bastante usada na moda, na tevê, no cinema, na publicidade e na música.¹³

O que nos resta então? A simples reprodução de conteúdos antigos para um novo meio? Seria a simples transposição do saber do real para o virtual, sem uma incorporação de agrupamentos realmente novos, a ponto de servir de contribuição efetiva para a humanidade? Por mais benefícios que o espaço cibernético traga, quando nos referenciamos a trocas simbólicas e sua circulação livre e veloz, o conhecimento deve ser pautado em princípios de verdadeiro conhecimento, para que a sua veiculação nesta ambiência proporcione um atrativo na hora em que estiver em contato com o seu novo receptor.

¹² Roberto dos Santos ELÍSIO, *As teorias da Comunicação: da fala à Internet*, p. 119.

¹³ *Id.*, p. 19.

Quando isto não ocorre, Roberto Elísio ainda aborda sobre um terceiro elemento da sociedade pós-moderna: o simulacro:

Uma vez que a realidade não corresponde aos desejos do indivíduo, os meios de comunicação oferecem um substituto melhor: a fantasia, a recriação da realidade, produzida de maneira cada vez mais sofisticada. A publicidade, a tevê, o cinema, o videogame criam uma hiper-realidade, em que o receptor se sente mais confortável, seguro ou feliz do que no mundo real. [O ciberespaço] torna-se um refúgio e um ponto de encontro seguro em que as relações são apenas virtuais. Também as mercadorias [...] prometem muito mais que seu próprio valor de uso: sugerem ao consumidor a satisfação de seu desejo de status, riqueza ou prazer. A essa abstração, simulação da realidade, corresponde o simulacro, um mundo falso (composto por signos) que se torna mais atraente do que o verdadeiro.¹⁴

Ressaltamos então a força da simulação da realidade por meio de ícones que servem muito mais, em diversas vezes, como apontadores do signo existente do que a existência do mesmo. Mas, vejamos que a difusão do ciberespaço não implica na alteração do ambiente natural, pois, por maior que seja o simulacro, o mundo virtual preserva os espaços antecedentes, do mundo concreto e físico, onde as atividades tradicionais irão permanecer. As relações entre as pessoas sem a intermediação de instrumentos tecnológicos continuarão a acontecer na forma como presenciamos em nossas rotinas diárias. Assim, diante destas sinalizações do que pode ocorrer na interação dos jovens com o ciberespaço na pós-modernidade, vejamos como aqueles que são católicos buscam signos novos de sua realidade de sagrado no mundo virtual.

2.1 Os jovens católicos em busca do cibernsacro

Com o advento de um mundo em que as revoluções da informática e o crescimento das possibilidades de comunicação já não são mais estranhos à esfera do cotidiano, os jovens têm vivido neste tempo utilizando-se destes meios para os seus próprios benefícios. De um ideal coletivo, com a mudança de valores proposta neste tempo pós-moderno, a subjetividade, o individualismo e a centralidade de pensamento em si mesmo tornaram-se atributos para um ideal individual, quesitos para uma vida de interesses pessoais. Conforme a CNBB, vemos que:

O ideal coletivo dos anos 1970-1980 de construir um mundo melhor foi sendo

¹⁴ *Ibid*, p. 20.

substituído por uma maior preocupação com as necessidades pessoais, com os sentimentos, com o próprio corpo, com a melhora da auto-estima, com a confiança, com a libertação dos traumas etc. O ambiente de descrédito dos grandes ideais coletivos em que vivem faz com que segmentos da juventude tenham forte tendência de viver somente no presente, na cultura do descartável.¹⁵

Esta tendência juvenil é vista quando muitos teóricos referem-se à mesma como a cultura do “zapping”, ao qual o jovem tem um controle remoto na mão e fica mudando constantemente os canais da televisão. Realmente, o instrumento de manipulação para que a sua vontade seja satisfeita está ali presente, e é possível realizar seus desejos de uma forma extremamente fácil. Mas, ao se refletir sobre este comportamento, pode-se analisar o fato do próprio jovem estar constantemente à procura de algo, e se momentaneamente naquele canal não se encontra o procurado, quase que instintivamente vai ao encontro de outro. Daí já pode se ver a necessidade do mesmo em estar sempre procurando correspondências pessoais, e o quanto esta busca cresce exponencialmente. Seria falta de quê? Poderíamos colocar a culpa na programação, ou seja, de quem está do outro lado da tela? Porém, por que diante de uma infinidade de canais oferecidos por um sistema de TV fechado, como a TV a Cabo, os jovens ainda continuam a praticar o “zapping”?

É notório que realmente houve uma mudança, como abordada pela CNBB: “Paralelamente houve uma mudança cultural. A pós-modernidade se fortaleceu e acentuou a centralidade das emoções e a subjetividade. Apareceu uma nova geração de jovens muito distantes das identidades das décadas de 1960 e 1980”.¹⁶

Vemos então o resultado das buscas dos jovens. Eles preferem neste tempo pós-moderno corresponder a desejos que correspondam às suas emoções e suas subjetividades. Mas e os jovens católicos? Poderíamos enquadrá-los neste quadro?

Bem, os jovens católicos não são diferentes dos outros jovens no que diz respeito às influências da pós-modernidade em suas vidas. Eles já nasceram ou cresceram dentro desse sistema, e suas idéias e valores por vezes já são referência da vivência deste tempo. Quando um jovem procura lutar por um ideal coletivo, este fato às vezes chega a tornar-se filme. É como o que deveria ser normal, dentro do comum, agora, por ser raro, transforma-se em produto da sétima arte para servir de exemplo para outrem. Os jovens católicos também tendem a valorizar o

¹⁵ CNBB, *Evangelização da juventude: desafios e perspectivas pastorais*, p. 18.

¹⁶ *Ibid*, p. 144.

subjetivo e a centralidade de suas emoções, pois estão inseridos num corpo maior, chamado sociedade.

Verifica-se isto no que novamente o documento elaborado pela CNBB expressa:

Os jovens de hoje e a Igreja em que vivem são influenciados pelos impactos da modernidade e da pós-modernidade. Alguns elementos deste momento histórico exercem grande influência na mentalidade, nos valores e no comportamento de todas as pessoas. Ignorar estas mudanças é dificultar o processo de evangelização da juventude - o grupo social que assimila esses valores e mentalidade com mais rapidez. Uma evangelização que não dialoga com os sistemas culturais é uma evangelização de verniz, que não resiste aos ventos contrários.¹⁷

Fundamentados nestas palavras, para que o presente estudo alcance seu objetivo de analisar a busca do jovem católico pelo sagrado no ciberespaço, foi necessário realizar este caminho de observância de como se comporta o público jovem católico e quais as suas tendências mais importantes. Mas, entendendo-se um pouco mais sobre quem é este jovem católico, o que mais o atrai no ciberespaço?

Como no primeiro capítulo foi visto o surgimento do termo ciberespaço, agora será entendida a incipiência da nomenclatura ciberespaço. É um neologismo que para ser explicado, é necessário percorrer *a priori* o conceito de sagrado, e assim, explicitar em sua sinergia o binômio ciberespaço-sagrado.

Sabemos que tudo o que se refere ao sobrenatural chama a atenção. Isso não é de agora, pois o homem sempre foi atrás de algo que o supere e está acima de si. Muitos teóricos da filosofia da religião afirmam que não há civilização sem uma expressão do sagrado, aqui entendido como sobrenatural.

Diante das inúmeras tentativas de explicar o inexplicável, ou de entender determinados fatos daquela comunidade, as civilizações expressaram sua forma de pensar através de mitos, deuses, seres celestiais e toda espécie de signo que simbolizasse o transcendente. Bem, o autor Rubem Alves aborda da seguinte forma:

Há coisas a serem consideradas: altares, santuários, comidas, perfumes, lugares, capelas, templos, amuletos, colares, livros... e também gestos, como os silêncios, os olhares, rezas, encantações, renúncias, canções, poemas, romarias, procissões, peregrinações, exorcismos, milagres, celebrações, festas, adorações. Teríamos de nos

¹⁷ *Ibid*, p. 17.

perguntar agora acerca das propriedades especiais dessas coisas e gestos, que fazem deles habitantes do mundo sagrado, enquanto outras coisas e outros gestos, sem aura ou poder, continuam a morar no mundo profano.¹⁸

A partir dessa colocação, sabe-se que há uma distinção de signos do mundo sagrado e do profano. É claro que para defini-los ou marcá-los, seria extremamente difícil, pois atributos como estes dependem da cultura em que o indivíduo pertence. Contudo, ao olhar um determinado objeto que convencionalmente julga-se pertencer à esfera do sagrado, a pessoa remonta em sua mente uma associação com o quê para ela denomina-se transcendente. É como um apontamento indicial. Ali está presente algo que remonta mais do que aquele signo realmente é. Ele é símbolo do sagrado.

Rubem Alves ainda continua com a questão:

Nenhum fato, coisa ou gesto, entretanto, é encontrado já com as marcas do sagrado. O sagrado não é uma eficácia inerente as coisas. Ao contrário, coisas e gestos se tornam religiosos quando os homens os batizam como tais. A religião nasce com o poder que os homens têm de dar nomes as coisas, fazendo uma discriminação entre coisas de importância secundária e coisas nas quais seu destino, sua vida e sua morte se dependuram. Esta é a razão por que, fazendo uma abstração dos sentimentos e experiências pessoais que acompanham o encontro com o sagrado, a religião se nos apresenta como um certo tipo de fala, um discurso, uma rede de símbolos. Com esses símbolos os homens discriminam objetos, tempos e espaços, construindo, com seu auxílio, uma abóbada sagrada com que recobrem seu mundo.¹⁹

Isto se aplica por completo à situação de quando o jovem católico se depara com diversos símbolos que remontam às marcas do sagrado quando acessa um *site*. Seja uma cruz, ou uma imagem de Nossa Senhora, ou alguma figura de um santo, além de orações textuais e em áudio do Pai-Nosso e da Ave-Maria, cada objeto dentro deste mundo virtual faz referência ao que ele no mundo real já conhece e sabe ser sagrado. São inúmeros símbolos, dispostos em várias seções, mas que não estão ali por acaso, pois possuem em si significados a mais.

Talvez o vínculo do virtual seja igual ao que está acontecendo no mundo real, quando o cibernauta acessa um *link* que disponibiliza uma transmissão de alguma palestra, ou caso seja católico, por exemplo, de uma celebração eucarística. Ele sabe que naquele momento o sagrado invadiu a esfera do ciberespaço e conseqüentemente, o seu espaço em si também.

¹⁸ Rubem ALVES, *O que é religião*, pag 24.

¹⁹ *Ibid*, p. 25.

Para ainda conjugar o relacionamento ciberespacial sacro, Rubem Alves se torna de grande valia neste percurso:

O sagrado se instaura ao poder do invisível. E é ao invisível que a linguagem religiosa se refere ao mencionar as profundezas da alma, as alturas dos céus, o desespero do inferno, os fluidos e influências que curam, o paraíso, as bem-aventuranças eternas e o próprio Deus.²⁰

Poderíamos então associar o conceito de “virtual” com a definição de invisível aqui retratada, pois em seu bojo se toma proporções de referências sobre signos sagrados.

O meio virtual possui o poder de transformar os signos vazios em portadores de sentidos de forma que o cibernauta os considere extensão de si mesmo, pois já fazem parte da sua esfera de mundo. E como isto acontece? Por que este poder torna-se persuasivo de forma a roubar a cena da situação? A resposta é simples: o poder está no imaginário. Há tempo é sabido, com exemplos clássicos, que o rádio influenciou e influencia decisivamente a vida de muitas pessoas através do imaginário, e atualmente muitos veículos de comunicação possuem essa característica ao trabalhar com o ser humano. E a religião também se porta desta forma. É possível, através disso, estreitar o relacionamento entre o sagrado e o ciberespaço.

As religiões são repletas de signos portadores de significações simbólicas, extremamente necessárias para a humanidade. Isso porque a vivência da humanidade é extremamente entrelaçada pelos símbolos que a rodeiam. Os signos do cotidiano retratam a forma como a vida integralmente está orientada em um rizoma de significados, determinantes ou não do percurso de muitos. E aqui entramos na Igreja Católica, pois esta é extremamente rica de simbologia. E isto é demasiadamente notório. O ciberespaço também. Qualquer componente mesmo que seja infinitamente ínfimo, é dotado de uma auto-referência, uma significação simbólica.

Para que se torne mais claro o que desejamos demonstrar, recorremos a Eugênio Trivinho, que explicita sobre o conceito de ícone e sua transposição à vertente do ciberespaço. Seus conceitos são de enorme valia neste presente momento. Vejamos o que ele aborda sobre o ícone:

(...) O ícone, depois de uma trajetória sob a tutela exclusiva das religiões e dos nacionalismos (imperiais ou republicanos), realiza, cumulativa e extensivamente, a partir dos anos 50 do século XX, a sua migração para a esfera da publicidade de massa ligada ao tardocapitalismo de marcas (...) e para o campo das indústrias esportivas (...). Em

²⁰ *Ibid*, p. 27.

meio aos seus suportes duros, materiais (pedra, metal, barro, madeira, tecido, papel etc.) o ícone se depara agora com o seu suporte infoeletrônico, virtual, flexível, imaterial. Na esteira de sua configuração em afrescos, quadros e retratos, em gravuras, fotografias e mapas, em insígnias, brasões, escudos e divisas, em efígies, estampas, emblemas e logotipos, em estátuas, monumentos, construções, e assim por diante, sobrevém, para o ícone, o horizonte da sinalética hipertextual anteriormente especificada (figuras, grafismos, diagramas, palhetas, setas etc). Depois de seu macrodimensionamento cultural convencional, irrompe a sua versão cibercultural ultraminiaturizada.²¹

O ícone, símbolo do sagrado nas religiões durante centenas e milhares de anos, com roupagem nova dos nacionalismos, da publicidade e das indústrias esportivas, aqui complementamos com a informática e a comunicação, dentro do ciberespaço, cresce em seu conceito cultural e adquire um sentido novo: o ciberícone.

O ciberícone possui a imagem como seu centro, uma expressão de seu ser. Para nossa definição, além do ícone no ciberespaço, acrescentamos as outras dinâmicas dos Sistemas Hipermídias, ou seja, suas vertentes textuais, sonoras e audiovisuais, para tornar macro a conceituação do cibersacro.

Pois bem, todo ciberícone, em suas múltiplas e diversas unidades de representação no ciberespaço, caso seja uma imagem do sagrado, referência a um aspecto transcendental para o cibernauta, é cibersacro. Além disso, não é apenas um espaço delimitado como um site religioso, que expressa em seu conteúdo as nuances do sagrado. Em nosso entendimento, o cibersacro é mais expansivo. Qualquer expressão do sagrado em suas múltiplas formas de composição hipermediática (texto, som, imagem estática, dinâmica, audiovisual) é **o próprio cibersacro**.

Então, o cibernauta ao adentrar-se em um mundo virtual, além dos recursos hipermediáticos que o seduzem, caso ele seja católico, recorte de público realizado para esse nosso estudo, irá ser atraído pelo cibersacro, em virtude da sua experiência no mundo real e sua vontade de estender para uma nova multiplataforma midiática suas buscas pessoais. Acostumado com a simbologia da sua religião e com as reproduções sígnicas do ciberespaço, não terá dificuldades em ser adepto e promotor do cibersacro. Será seu difusor, mesmo sem conscientemente conceber isso.

2.2 Algumas orientações e reflexões da Igreja Católica para os jovens cibernautas

²¹ Eugênio TRIVINHO, *A dromocracia cibercultural: lógica da vida humana na civilização mediática avançada*, p. 127.

A Igreja Católica em seu serviço de orientação à humanidade procura delinear posicionamentos, para propor um seguimento coerente e eficaz do desenvolvimento das faculdades humanas. De uma forma especial, preocupa-se com o crescimento exponencial do ciberespaço e suas conseqüências, afinal, conforme o Conselho Pontifício para as Comunicações Sociais: “a realidade virtual do espaço cibernético apresenta algumas implicações preocupantes, tanto para a religião como para outros setores da vida.”²²

Conforme visto sobre as expressões na sociedade pós-moderna de uma cultura marcada pela pluralidade de opiniões no virtual, João Paulo II, explica:

[...] porque a cultura [...] está imbuída de maneira tão profunda de um sentido tipicamente pós-moderno, que a única verdade absoluta é a aquela segundo a qual não existem verdades absolutas ou que, se elas existissem, seriam inacessíveis à razão humana e portanto se tornariam irrelevantes²³

Nesta busca pela verdade absoluta, remetemo-nos novamente ao relativismo, pois a presença de conhecimentos sob o ponto de vista individual expostos coletivamente gera por vezes uma confusão ao cibernauta, no sentido de questionarem: com quem está a verdade?

Walfran Fonseca diz o seguinte:

Colocado em ato o eficientismo e o sucesso, como critérios últimos da validade de um sistema de conhecimento, de uma teoria, de um projeto, era lógico e natural que a verdade não fosse mais tida em alguma conta pela cultura moderna e que fosse expulsa do reino dos valores. Na verdade, para conseguir o sucesso pode vir tudo, exceto a verdade: a mentira como a calúnia, a fraude como o engano, a prepotência como a violência. E assim, na cultura moderna, a verdade cedeu o seu cetro à potência: à vontade de potência, como queria Nietzsche. A sedução e a vontade de potência; não a verdade são as armas das quais se servem constantemente os partidos, os governantes, os sindicatos, a imprensa, a publicidade para extorquir o consenso da gente.²⁴

Diante do exposto, a veiculação dos conhecimentos e suas verdades acontece, por alguns, como expressão de liberdade. O ciberespaço torna-se o local apropriado para essa disseminação, afinal, não há controle com sanções para o que é colocado *on-line*. Por isso:

²² Conselho para as Comunicações Sociais PONTIFÍCIO. *Ética na Internet*. In: DARIVA, Noemi. (Org.). *Comunicação Social na Igreja: documentos fundamentais*, p. 262.

²³ João Paulo II PAPA, *Proclamação sobre os telhados: o Evangelho na era da comunicação global*. In: DARIVA, Noemi. (Org.). *Comunicação Social na Igreja: documentos fundamentais*, p. 431.

²⁴ Walfran FONSECA, *Teoria do Conhecimento*, p. 37.

A ideologia do liberalismo radical é tanto errônea quanto prejudicial – não em menor medida, quando visa tornar legítima a livre expressão a serviço da verdade. O erro encontra-se na exaltação da liberdade "até ao ponto de se tornar um absoluto, que seria a fonte dos valores [...]. Deste modo, porém, a imprescindível exigência da verdade desaparece em prol de um critério de sinceridade, de autenticidade, de 'acordo consigo próprio'"²⁵

Para tanto a análise crítico-reflexiva é essencial e primordial, para que os abusos e as conseqüências negativas de inverdades não sejam propagados como verdades e acabem por desorientar e contribuir para a estagnação humano-intelectiva das pessoas. O ciberespaço pode ser um campo fértil para ações destruidoras, conforme o Conselho Pontifício para as Comunicações Sociais:

A maravilhosa terra do espaço cibernético, era a comunidade dos libertários radicais. Esse modo de pensar ainda exerce a sua influência em determinados círculos, apoiados por conhecidos argumentos libertários, aos quais se recorre também para defender a pornografia e a violência nos meios de comunicação em geral.²⁶

A Igreja ao analisar a situação, busca expressar sua consciência eclesial, veiculada constantemente:

A mudança que se dá hoje [...] implica, mais que uma simples revolução técnica, a transformação completa de tudo o que é necessário para compreender o mundo que a envolve e para verificar e expressar a percepção do mesmo. A apresentação constante das imagens e das idéias, assim como a sua transmissão rápida, até mesmo de um continente para outro, têm conseqüências simultaneamente positivas e negativas, no desenvolvimento psicológico, moral e social das pessoas, na estrutura e no funcionamento da sociedade, na partilha de uma cultura com outra, na percepção e na transmissão dos valores, nas idéias do mundo, nas idéias ideologias e nas convicções religiosas"²⁷

Por conta de um ecletismo exacerbado e difundido cada vez mais, as pessoas têm assimilado culturas, ideologias, valores, entre outros, como meros receptores de conhecimento externo. É como um disco de grande capacidade de armazenamento, mas sem nenhum tipo de filtro, o que permitiria a triagem dos dados. De acordo com o Conselho Pontifício para as Comunicações Sociais, olhando a situação dos jovens, atualmente os mais presentes no meio

²⁵ Conselho para as Comunicações Sociais PONTIFÍCIO. *Ética na Internet*. In: DARIVA, Noemi. (Org.). *Comunicação Social na Igreja: documentos fundamentais*, p. 279

²⁶ *Id.*, p. 274.

²⁷ *Ibid.*, p. 273.

cibernético e os maiores propagadores de suas práticas, faz-se necessário uma atenção especial ao orientá-los:

Assim, a formação sobre a Internet e as novas tecnologias exige muito mais do que o ensino das técnicas; os jovens têm necessidade de aprender como agir corretamente no mundo do espaço cibernético, discernir os juízos de acordo com os critérios morais sólidos a respeito daquilo que nele encontram e lançar mão das novas tecnologias para o seu desenvolvimento integral e o benefício dos outros.²⁸

Assim acontecendo, o jovem passa a desenvolver-se de forma coerente e contribui para que outros também o façam, utilizando o ambiente digital como suporte de trocas simbólicas para este intuito.

De uma forma geral, a utilização de uma prática digital deve ser orientada analisando-se o seu principal: o conteúdo. Saindo das maravilhosas imagens e ícones das múltiplas interfaces que encantam por suas cores e recursos, chega-se às informações puras, podendo assimilá-las com a realização dessa abstração. Por isso: “o seu exercício deveria fundamentar-se e ser orientado em conformidade com uma valorização realista dos seus conteúdos.”²⁹

O conteúdo exposto no ciberespaço é o essencial, pois as agregações hipermediáticas são utilizadas para produzir satisfações pessoais e não resultados cognoscíveis. Decorrente de um aprofundamento intelectual, o meio digital: “oferece vastos conhecimentos, mas não ensina valores; e quando estes são ignorados, a nossa própria humanidade é diminuída e o homem facilmente perde de vista a sua dignidade transcendente.”³⁰

Por isso é necessário ressaltar a utilização correta do ciberespaço na difusão do conhecimento e da verdade. Caso isso aconteça, as pessoas, e de forma especial, os jovens, destacados aqui por serem os maiores expoentes da cibercultura, ao agirem corretamente: “No espaço cibernético, pelo menos na mesma medida que em qualquer outro lugar, eles podem ser chamados a navegar contra a corrente, a praticar contra o contraculturalismo e até mesmo ser perseguidos por amor àquilo que é verdadeiro e bom”³¹.

²⁸ Id., *Igreja e Internet*, p. 260.

²⁹ *Ibid*, p. 266.

³⁰ João Paulo II PAPA, *Internet: um novo foro para a proclamação do Evangelho*. In: DARIVA, Noemi. (Org.). *Comunicação Social na Igreja: documentos fundamentais*, p. 435.

³¹ Conselho para as Comunicações Sociais PONTIFÍCIO. *Igreja e Internet*. In: DARIVA, Noemi. (Org.). *Comunicação Social na Igreja: documentos fundamentais*, p. 266

Desta forma, vê-se que a Igreja Católica além de refletir sobre a questão, adentra-se através de propostas práticas em como bem utilizar o espaço virtual, como nos coloca Joana T. Puntel:

Naturalmente, ao valorizar e entrar na cultura do ciberespaço, a Igreja também se preocupa com a sua incidência sobre a fé, a educação, a verdade, a ética, a moral entre outros aspectos. É nesse sentido que a própria Igreja convida e incentiva, de muitas maneiras, a reflexão, a formação, a educação para a comunicação, ultrapassando o simples exercício técnico, distinguindo as vantagens e desvantagens que a própria Internet apresenta. Nesse sentido, muitos encontros, convenções, painéis, mesas-redondas são realizados com universidades católicas e outras instituições, com o objetivo de promover iniciativas de alto teor cultural para o aprofundamento e busca de caminhos que possam contribuir para o verdadeiro desenvolvimento da pessoa no aspecto humano-cristão.³²

Estas iniciativas realizam a diferença, pois demonstram a sensibilidade diante do contexto do ciberespaço e assim ajudam a formar agentes de opinião voltados para o crescimento da dignidade em termos humanos e cristãos. Elas servem para demonstrar que é possível o ciberespaço ser visto como um local midiático propício para a evangelização e formação juvenil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegar à conclusão de um itinerário é deveras recompensador. Um percurso foi realizado e hipóteses antes supostas agora podem ser vertidas em considerações a serem utilizadas ao referir-se ao tema deste presente artigo.

Assim como as nuances do ciberespaço, de acordo com as suas múltiplas possibilidades de entendimento e desdobramentos, a busca dos jovens católicos pelo cibersacro é uma constante e um fato diante dos diversos signos sagrados existentes no mundo virtual.

Este estudo pretende servir de ânimo para um embasamento maior ao demonstrar as motivações dos jovens católicos quanto à utilização do ciberespaço como *locus* de evangelização e formação, e assim ajudar no estímulo à criação de espaços sacros no mundo virtual e também de aperfeiçoamento dos já existentes.

É claro que são apenas considerações a serem cada vez mais trabalhadas, pois ainda há

³² Joana T. PUNTEL. *Cultura midiática e Igreja: uma nova ambiência*, p. 144.

muito a ser conhecido. Quanto mais se explora, mais possibilidades são passíveis de entendimento, visto que o próprio meio digital do ciberespaço em si é assim. É como uma grande rede rizomática na qual, quanto mais explorada, mais informações conexas são percebidas e possíveis de serem esmiuçadas.

As práticas do mundo virtual fundem-se com as práticas da sociedade contemporânea pós-moderna. A cibercultura já não é mais uma teoria reduzida a pensamentos em materiais impressos. Hoje, a cultura é totalmente articulada pela confluência da comunicação com as inovações tecnológicas, principalmente, as influenciadas pelo crescimento do ciberespaço.

E os jovens tornaram-se, por conta da característica enérgica desse estado de vida e da sua visão de mundo conforme a sociedade em que vivem, detentores de um poder de integração e perpetuação da cibercultura.

Neste estudo vimos que a juventude católica descobriu o sagrado no ciberespaço. Mais que um espaço voltado para uma realidade sobrenatural, os ciberícones que remetem a uma expressão do sagrado tornaram-se a referência do que é o cibersacro.

Ao deparar-se com esses símbolos de referências tão significativas, alguns tendem a querer a veiculação massiva destes em suas formas de interação cibernética, ou então, curiosamente procuram saber mais sobre como se processa uma realidade sacra em um ambiente tão plural no que diz respeito ao conteúdo e suas múltiplas expressões.

O sagrado sempre produziu esse efeito, seja através da arte ou das diversas formas de simbologia nas civilizações da humanidade. A admiração é uma característica do ser humano face ao sobrenatural. Agora, com o advento do ciberespaço, o sagrado toma uma forma nova, uma gramática diferente, um jeito original, contudo, com o mesmo poder de atração diante de um macro redimensionamento do seu sentido.

Resta agora ter a esperança dos jovens serem os disseminadores desta cultura no ciberespaço. Promover o cibersacro é o objetivo. Ser artífice dele já é realidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, José da Silva Junior. **Jornalismo 1.2: características e usos da hipermídia no jornalismo, com estudo de caso do grupo Estado de São Paulo**. Salvador, 2000, 254f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) – Universidade Federal da Bahia.

ALVES, Rubem. **O que é religião?**. 7ª ed., São Paulo: Loyola, 2006.

CNBB. **Evangelização da juventude: desafios e perspectivas pastorais**. 3ª ed., São Paulo: Paulus, 2007. (Col. Documentos da CNBB-85).

DARIVA, Noemi. (org.). **Comunicação Social na Igreja: documentos fundamentais**. São Paulo: Paulinas, 2003.

ELÍSIO, Roberto dos Santos. **As teorias da Comunicação: da fala à Internet**. São Paulo: Paulinas, 2003.

FONSECA, Walfran Santos. **Teoria do Conhecimento**. Maceió: Seminário Nossa Senhora da Assunção, 2004.

LEMONS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 2. ed., Porto Alegre: Sulina, 2004.

LEMONS, André; PALACIOS, Marcos. (orgs.). **Janelas do Ciberespaço**. Porto Alegre: Sulina, 2001.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. Trad.: Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: 34, 1999.

NEGROPONTE, Nicholas. **A Vida Digital**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

NUNES, Pedro. **As relações estéticas no cinema eletrônico**, EDUFRRN, EDUFAL, EDUFPPB, 1996.

PAPA, João Paulo II. **Internet: Um novo foro para a proclamação do evangelho**. In DARIVA, Noemi. (Org.). **Comunicação Social na Igreja: documentos fundamentais**. São Paulo: Paulinas, 2003.

_____. **Proclamai sobre os telhados: o Evangelho na era da comunicação global**. In DARIVA, Noemi. (Org.). **Comunicação Social na Igreja: documentos fundamentais**. São Paulo: Paulinas, 2003.

PONTIFÍCIO, Conselho para as Comunicações Sociais. **Igreja e Internet**. In: DARIVA, Noemi. (Org.). **Comunicação Social na Igreja: documentos fundamentais**. São Paulo: Paulinas, 2003.

PONTIFÍCIO, Conselho para as Comunicações Sociais. **Ética na Internet**. In: DARIVA, Noemi. (Org.). **Comunicação Social na Igreja: documentos fundamentais**. São Paulo: Paulinas, 2003.

PUNTEL, Joana T. **Cultura midiática e Igreja: uma nova ambiência**. São Paulo: Paulinas, 2005.

TRIVINHO, Eugênio. **A dromocracia cibercultural: lógica da vida humana na civilização mediática avançada**. São Paulo: Paulus, 2007.